



GRUPO DESPORTIVO E CULTURAL DOS EMPREGADOS DO BANCO BPI

Entrevista a Sandra Catarino

GD: De que gosta muito?

Do convívio com a família, de brincar com os meus filhos, de passear. Enfim, coisas banais e comuns à generalidade das pessoas. Afinal de contas, é nas coisas simples que muitas vezes encontramos tudo aquilo que precisamos para ter uma existência feliz.

GD: O que detesta?

Detesto pessoas que não respeitam o nosso tempo. O tempo é um dos bens mais preciosos que temos. É um luxo!

GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?

Um passo a mais. Não me custou nada chegar aos 40 anos, e acredito em que vou conseguir conviver bem com o envelhecer e o passar dos anos.

O tempo vai-se encarregando de nos presentear com coisas diferentes todos os dias. Muitas delas interessantes.

GD: Já em pequenina, gostava de criar histórias?

Sim, porque eu cresci rodeada de meninos e meninas. A minha mãe tomava conta de crianças, e cedo me habituei a inventar e contar histórias.

GD: Qual o estilo que mais gosta de ler?

SC: Adoro livros infantis. De maneira geral, todos procuram oferecer às crianças uma mensagem forte.

GD: Quem é o seu ídolo?

Não tenho ídolos, mas gosto muito de observar os bons exemplos das pessoas que se cruzam comigo. E procuro sempre aprender com elas.

GD: A sorte somos nós que a fazemos?

Sem dúvida.

GD: Na vida qual é a regra do jogo?

Tenacidade, perseverança e capacidade de mudar. Não desistir, ter capacidade para mudar e conseguir ajustar a nossa forma de estar pode revelar-se muito importante para uma vida mais interessante e com maior sucesso.

GD: Hesitou um pouco quando recebeu o convite para esta conversa. Tem receio da exposição pública junto dos seus colegas?

Ah!, ah!, ah!, agora apanhou-me. Vamos ver como é que consigo responder a essa questão. Não gosto de ser o centro das atenções, e esta conversa não ajuda nesse aspecto. 😊

Depois, e não menos importante, há o facto de que ao longo da minha carreira sempre fiz questão de separar as coisas. Procuo não trazer para o Banco as minhas questões pessoais. E tenho-o conseguido ao longo destes anos todos.

Por outro lado, como estamos a ter esta conversa às 19.00h nas instalações do Grupo Desportivo, e eu acho que este livro pode ser de grande valia para os meninos que o lerem, entendi que podia e devia conversar consigo 😊. Finalmente tenho de confessar-lhe uma coisa, Rui. Quando me chega a casa a revista do Grupo Desportivo, esta é a rubrica que eu vejo em primeiro lugar. Gosto de pessoas dinâmicas e empreendedoras. Pessoas que conseguem encontrar tempo e disponibilidade para fazer outras coisas na vida para além do Banco é algo que valorizo bastante. Como tal, depois de uma hesitação inicial, achei que devia contribuir para esta vossa rubrica, que acho tão interessante.

GD: Qual era a pegada que gostava de deixar para as gerações vindouras?

Tudo o que faço é com o desejo de que isso sirva como bons exemplos para os meus filhos. Nunca ter medo de encarar coisas difíceis e jamais desistir. Essa é uma forma de pensar que eu procuro inculcar aos meus filhos e que gostava muito de deixar.

Quando queremos muito, conseguimos.

É fácil de dizer, mas para conseguirmos acreditar mesmo nisto é preciso toda uma preparação e trabalho que é feito ao longo de anos.

É preciso coragem, para acreditarmos que com trabalho e força de vontade é possível.

Eu tento mostrar-lhes isso com exemplos concretos.

Essa força, essa forma de pensar, era realmente a pegada que eu gostava de lhes deixar.

GD: Como é que surgiu a ideia de escrever este livro?

Gosto de criar histórias e de as ilustrar, e foi numa apresentação das minhas histórias na escola do meu filho que surgiu o desafio de publicar um livro. Na altura, em 2012, criei uma história em rima sobre a passagem do cabo Bojador e fui apresentá-la em formato de teatro de fantoches. Teve uma aceitação tão positiva, que me propuseram passar a história para livro. Fiquei a pensar no assunto e aproveitando o facto de o meu filho mais velho na altura estar a começar a trabalhar a História de Portugal e do tema ser muito falado lá por casa, acabei por criar e ilustrar histórias sobre 9 reis e 2 navegadores.

Tendo de escolher por onde começar, finalmente no ano passado publiquei *Isto não É Uma História sobre Afonso Henriques*.

GD: Já percebemos que é uma mulher de desafios. Qual é o próximo?

Lançar o D. Dinis

GD: Se lhe derem uma caixa de limões o que faz; limonada ou caipirinha?

Limonada

GD: Se o Euromilhões lhe proporcionasse 100 milhões de euros, o que fazia?

Criava uma bolsa de estudo para os filhos de todas as pessoas que eu gosto. Dessa forma, a falta de dinheiro não seria nunca um factor impeditivo de continuarem os seus estudos.

GD: Está zangada com alguém?

Não. Não me apetece. Acho que é uma perda de tempo estar zangado com alguém. Ninguém deveria perder tempo a ficar zangado.

GD: O que é que a idade nos oferece?

Aceitação pessoal e dos outros.

GD: E o que é que ela nos tira?

Medo. Não todo, porque o medo é um mecanismo de sobrevivência extremamente importante.

GD: Olhando para trás, qual a sua maior conquista?

Talvez ter ganho a coragem de publicar um livro, de modo a que toda a gente o possa ver. Não deixar na gaveta um projeto que me deu muito trabalho e que, acredito, deixou a minha família orgulhosa.

GD: O filme mais, mais, mais...?

Muitos, mas nenhum de terror. Não gosto mesmo de filmes de terror.

GD: Temos conhecimento de que muitos colegas já compraram o seu livro para oferecer aos filhos, aos sobrinhos, aos afilhados e até a amigos.

Havendo tantos livros infantis na prateleira das livrarias, porque é que acha que escolhem o seu? Não é certamente apenas por ser colega de trabalho 😊.

Rui... o meu é diferente de todos os outros 😊. Nem melhor nem pior, diferente; não é uma simples história.

Às vezes perguntam-me porque é que eu digo que não é uma história sobre Afonso Henriques quando na realidade o é?

E a resposta é porque é sobre Afonso Henriques, mas não é uma história. Este livro procura ser mais do que uma simples história, quer ser usado como uma ferramenta. Inicialmente, passa uma noção simples – mas completa – dos principais marcos da história de um rei ou navegador através de uma escrita em rima. A rima é um estilo linguístico muito bem aceite pelas crianças, pela sua sonoridade e musicalidade. Fica no ouvido e eles retêm melhor o que lêem e ouvem. Depois tem uma secção de desenvolvimento onde quem quer saber mais pode descobrir ao mesmo tempo que lhe são apresentados jogos e desafios. Tem ainda um “quantos-queres?” com perguntas sobre o rei que pode ser destacado e usado para desafiar a família a responder; e, finalmente, para explorar ainda mais a criatividade, tem uma secção de fantoches destacáveis para representar esta ou outras histórias de Afonso Henriques.

GD: Aproxima-se uma época em que todos compramos presentes... e muitos deles para as crianças. Como é que os sócios do Grupo Desportivo podem adquirir o seu maravilhoso livro?

Entrar em contacto comigo, na Bertrand, na Chiado Editora, através da página de Instagram Gasparzices ou em qualquer livraria *online*.

GD: Está a considerar fazer algum tipo de desconto aos sócios?

Sim, claro! Já hoje um sócio que telefone para a secretaria do Grupo Desportivo vai usufruir de um desconto. O preço de capa é 11 euros, e para os sócios estamos a praticar o valor de 9 euros.

GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?

RE: Para a floresta

GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?

Nas duas coisas, se é que isso é possível. 😊

GD: Tem saudades de quê?

Tenho muitas saudades de, no Natal, reunir toda a família à mesa. Agora já não é possível fazê-lo.

GD: O que queria ser quando era menina?

Veterinária

GD: O que quer ser quando for velhinha?

Quero ter uma cabeça sã e ser independente.

GD: É hoje quem queria ser?

Sim

GD: Aos 43 anos, o que é que se sabe que não se sabe?

Não sei como vou lidar com a adolescência dos meus filhos. Hummmmm... As saídas à noite, as noras a aparecer lá em casa... Eu sei que não sei como vai ser. 😊 😊 😊

GD: Quem sabe os seus segredos?

Eu

GD: Quem é o seu maior fã?

Os meus filhos

GD: Considera que é uma pessoa feliz?

Muito

GD: O que precisaria para se sentir ainda mais feliz?

Precisava de não sofrer por antecipação. É algo que me incomoda. Acontece-me com frequência.

GD: No seu livro, além de ficarmos com uma ideia muito concreta daquilo que foi a vida e os feitos de D. Afonso Henriques, é possível fazer uma peça de teatro, jogar à batalha naval, pintar, fazer palavras cruzadas e brincar a algo parecido com o jogo da glória.

Como é que se lembrou de produzir uma obra tão fora dos padrões habituais dos livros de histórias; no fundo, tão “fora da caixa”?

Porque eu queria realizar algo que fosse diferente. Para fazer igual, para fazer apenas mais um, ficava quieta, não valia a pena. Como tal, fui à procura, pesquisei e concluí que existia aquilo que eu considerei uma lacuna, uma falha, ou uma necessidade, na generalidade dos livros infantis. Faltava-lhes, especialmente na temática História de Portugal, a componente brincadeira. Todos gostam de brincar, até nós. Como tal, o livro tinha de ter essa particularidade e essa valência. Tinha de ser um livro fora da caixa para utilizar a sua expressão. 😊

GD: Escrever é uma arte... O propósito da sua arte é servir os outros ou servir a arte?

Servir os outros

GD: Qual é o seu livro preferido?

Para adultos, vou salientar *Atlas Shrugged*. Para crianças, tenho de referir *O dia em que os lápis desistiram*.

Responda – com uma palavra apenas

GD: Qual o seu prato favorito?

Esparguete com carne picada

GD: Teatro ou cinema?

SC: Cinema

GD: Prosa ou verso?

Verso

GD: Livro ou crónicas soltas?

Livro

GD: Primavera ou Verão?

Verão

GD: Beijo ou abraço?

Abraço

GD: Jazz ou rock?

Rock

GD: Manhã ou tarde?

Manhã

GD: 25 de Abril?

Embora não o tenha vivido, a palavra só pode ser... «Liberdade»

GD: Para descontrair; salão ou discoteca?

Discoteca

GD: Grupo Desportivo BPI?

Dinamismo

Por Rui Duque, 4-11-2019